

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA E SAÚDE**

Marcela Alberti

**Transexualidade e Práticas
Interacionais em Saúde: Uma Análise
Microetnográfica de um Atendimento
em Contexto de Psicoterapia**

**Universidade Federal de Ciências da Saúde
de Porto Alegre**

Porto Alegre
2019

Marcela Alberti

**Transexualidade e Práticas
Interacionais em Saúde: Uma Análise
Microetnográfica de um Atendimento
em Contexto de Psicoterapia**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Marques Stenzel
Coorientador: Prof Dr. Alexandre do Nascimento Almeida

Porto Alegre

2019

**Transexualidade e Práticas Interacionais em Saúde: Uma Análise
Microetnográfica de um Atendimento em Contexto de Psicoterapia**

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Rodrigo Borba
Departamento de Letras Anglo-Germânicas
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Mariléia Sell
Escola Da Indústria Criativa / Letras
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profa. Dra. Sheila Gonçalves Câmara
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

RESUMO

Nos propomos, neste estudo, a descrever e analisar, sob um ponto de vista microetnográfico, as práticas interacionais que emergem em um atendimento em um núcleo clínico especializado em gênero e sexualidade. Tomamos como base a linha teórico-metodológica da Análise da Conversa (AC), buscando enriquecer a discussão no campo da clínica psicoterápica em sua interface com a transexualidade. A partir da AC, realizamos uma análise turno-a-turno da interação no *setting* terapêutico, orientando nossa discussão para as ações sociais estabelecidas na cena do atendimento. Os dados demonstram que o uso de práticas interacionais como formulações e prestação de contas podem desempenhar a função de manutenção de uma agenda institucional, a qual se constitui, no atendimento analisado, como a (co)produção de um laudo que ateste “Transtorno da Identidade Sexual”. Nesse sentido, a necessidade de um laudo que ateste a transexualidade surge como um limitador para terapeuta e cliente, exigindo a construção de uma narrativa adequada aos critérios de manuais nosológicos que guiam a prática clínica. Apontamos também que as/os participantes fazem uso de práticas interacionais como formulações, correções, *account*, convites e interpretações para a calibração dos seus status epistêmico, além da produção e negociação de práticas interacionais para sustentação do *setting* clínico e manejo de seus status sociais.

Palavras-chave: transexualidade, gênero, despatologização, análise da conversa, psicoterapia

ABSTRACT

In this study we aim at describing and analyzing, from a microethnographic point-of-view, interactional practices that emerge during an appointment held in a clinical center specialized in gender and sexuality. We use Conversation Analysis (CA) as a theoretical and methodological framework to enrich discussion in the field of psychotherapeutic clinic intertwined with transsexuality. Based on CA, we conduct a turn-by-turn analysis of interactions in the therapeutic setting, orienting our discussion to social actions established in the scene of the appointment. Data show that the use of interactional practices such as formulations and accountability may perform the role of maintaining an institutional agenda, which constitutes, in the analyzed appointment, the (co)production of a report that certifies "Sexual Identity Disorder". In this sense, the necessity of a report that attests a person's transsexuality emerges as a restraint for both therapist and client, demanding the construction of a narrative that suits criteria used in nosological documents that guide clinical care. We also point out that participants make use of interactional practices such as formulations, corrections, accounts, invitations, and interpretations to calibrate epistemic status, in addition to the production and negotiation of interactional practices that sustain the clinical setting and the management of social status.

Keywords: transsexuality, gender, depathologization, conversation analysis, psychotherapy

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. REFERÊNCIAS	12
3. OBJETIVOS	15
6. CONCLUSÃO GERAL	16
ANEXOS	19
ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	20
ANEXO 2 - Termo De Autorização Para Disponibilidade De Trabalhos De Pós-Graduação No Repositório Institucional Da Ufcspa	22

1. INTRODUÇÃO

O campo da psicoterapia se constituiu para a Psicologia como uma prática de grande relevância e, durante muitos anos, foi a atividade de maior destaque da/o profissional da psicologia. O Sistema Conselhos de Psicologia elegeu o ano de 2009 como "o ano da psicoterapia" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009), com o objetivo de fomentar o debate sobre o tema tendo em vista a diversidade e a complexidade de tal prática na contemporaneidade. Hoje, seguem as discussões sobre essa temática, tanto no âmbito dos conselhos representativos da categoria, como também na sociedade em função das demandas que marcam a vida social. Um dos temas que tem feito forte interface na discussão sobre as diretrizes que orientam a prática psicoterápica é o tema da transexualidade. O estudo que segue, tomando como base teórica e metodológica a Análise da Conversa (AC) de base etnometodológica, busca enriquecer essa discussão e dar subsídios para a reflexão tanto sobre as potencialidades e limitações da prática psicológica na interface que faz com o campo da transexualidade, como na compreensão dos processos psicossociais e de gênero que configuram as ações sociais no contexto da saúde.

Aos olhos das/dos analistas da conversa, a psicoterapia se trata de um evento interacional, de caráter institucional, fruto do encontro entre terapeuta(s) e cliente(s). Desse modo, as práticas interacionais que são específicas da psicoterapia são ancoradas em ferramentas genéricas da interação social que podem ser encontradas em qualquer conduta social humana (PERÄKYLÄ et al., 2008). Portanto, ao realizar uma análise sequencial de uma interação no *setting* terapêutico, quando a/o analista se propõe a escrutinar o turno a turno da conversa e as práticas interacionais realizadas por terapeuta e cliente no aqui- agora, orientamos nossa análise para as ações sociais estabelecidas na cena do atendimento. É válido apontarmos que o uso de cliente (em substituição a paciente) menciona o caráter bidirecional (e contratual) da interação terapêutica como um serviço também requisitado pela/o usuário.

Nos propomos, neste estudo, a descrever e analisar, sob um ponto de vista microetnográfico, as práticas interacionais que emergem na interação em um atendimento entre um terapeuta e uma mulher transexual em um núcleo clínico especializado em gênero e sexualidade. É nesse encontro entre atoras/atores sociais que se materializam discursos macro e microssociais, envolvendo dispositivos de controle (FOUCAULT, 1988) a partir de processos de construção do saber biomédico e negociações de pertencimento a categorias sociais (BORBA, 2014).

Embora estejamos avançando na conquista por direitos de pessoas que não se adequam a uma matriz linear entre sexo-gênero-orientação sexual (BUTLER, 2015), a patologização da transexualidade a partir de sua categorização através de normas psiquiátricas é alvo de disputas tecidas no âmbito das ciências psi (psicanálise, psicologia e psiquiatria). A legitimação da transexualidade como um fenômeno do âmbito médico e, principalmente, psiquiátrico, é reflexo de um conjunto de saberes que se materializam através de práticas e relações de poder, estabelecendo mecanismos de controle sobre os corpos (SANTOS, 2011).

Embora a construção do dispositivo (FOUCAULT, 1988) da transexualidade perpassasse um contexto de medicalização do corpo individual durante os séculos XVIII e XIX (SANTOS, 2011), os documentos que hoje guiam a prática de profissionais da saúde mental materializam esses discursos e, por sua vez, surgem como mais um dispositivo de controle sobre os corpos, categorizando sujeitos a partir de suas condutas e seus desejos e colocando a transexualidade como categoria diagnóstica. A inclusão da transexualidade como categoria diagnóstica na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), em 1980, foi um marco no processo de definição da transexualidade como um transtorno mental (BENTO; PELÚCIO, 2012). Também em 1980 foi publicada a terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), incluindo a transexualidade dentre os Transtornos de Identidade de Gênero (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1980). No ano de 2013 foi publicado a edição vigente do manual, DSM-5; nesse documento, houve uma mudança de nomenclatura em que se retirou o termo “transtorno”, mas a transexualidade seguiu enquadrada como categoria diagnóstica, desta vez nomeada como “Disforia de Gênero” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Outra mudança importante se refere à retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais na décima primeira versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11). A transexualidade, entretanto, permanece no CID 11, mas agora nomeada como incongruência de gênero e dentro da categoria de condições relativas à saúde sexual.

Embora tenham havido mudanças de nomenclatura, o termo Disforia de Gênero segue classificando indivíduos que apresentam uma diferença marcante entre sua identidade de gênero e o sexo/gênero designado no nascimento a partir de marcadores biológicos. Desse modo, mesmo com as mudanças realizadas, o DSM e o CID são, ainda hoje, instrumentos que estabelecem um lugar de poder das ciências psi que retira do sujeito a autonomia sobre seu próprio corpo, pois pessoas que fogem à lógica cisgênera¹ precisam

¹ Conceito guarda-chuva cunhado em contraposição a “transgênero”, abrangendo as pessoas que se reconhecem com uma identidade de gênero considerada consoante ao gênero que lhes foi designado no nascimento a partir de marcadores biológicos.

passar pelo crivo de uma/um psiquiatra que detém o poder de afirmar se aquele sujeito é uma/um “transexual legítima/o²”; Dessa maneira, a atuação de profissionais da área psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise) que são sensíveis a questões de gênero e sexualidade torna-se um desafio diante de disputas que, por um lado, impõem uma psiquiatrização e pretensa universalização das vivências trans e, por outro, combate a transfiguração de uma categoria cultural (gênero) em uma categoria diagnóstica (BENTO, 2016).

É nesse contexto em que se insere a análise realizada no decorrer deste trabalho. Os manuscritos que serão expostos a seguir são um recorte investigativo de corpus formado por cinco consultas psicoterapêuticas fruto de projeto aprovado pelo Comitê de Ética (CEP/UFCSPA) sob Parecer Nº 2.447.440. O contexto investigado se refere a um núcleo de atendimento especializado em gênero e sexualidade, o qual se dá em uma clínica privada. Nele, são realizados atendimentos individualizados em salas de espelho, onde alguns atendimentos são gravados e armazenados para fins educacionais. Os dados gerados para este estudo consistem em primeiras consultas, isto é, embora inseridas em um *setting* terapêutico, não se tratam de atendimentos que visem um tratamento psicoterápico contínuo. Embora as pessoas possam obter encaminhamentos para tratamento no próprio núcleo ou fora dele, o objetivo das consultas iniciais é a compreensão da demanda de quem busca ajuda. O núcleo ainda presta serviços de consultoria, supervisão e seminários teóricos para estudantes e profissionais de Psicologia e Medicina. Nosso trabalho de geração de dados se deu em um período de 20 meses, quando a pesquisadora mestranda realizou inserções etnográficas em campo, participando dos encontros semanais do núcleo entre abril de 2017 e dezembro de 2018.

Os dados gerados são de ocorrência natural, isto é, não são motivados para fins de pesquisa, sendo que os atendimentos e mesmo as gravações já aconteciam independentemente desta pesquisa. Se inicialmente nos propomos a trabalhar a partir de consultas realizadas com pessoas autodeclaradas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneras/os), o próprio cenário de pesquisa nos impeliu a tratar como foco o atendimento a pessoas transexuais. Nos meses em que aconteceu a geração de dados nos deparamos com uma questão importante quando se trata de pesquisas com dados naturalísticos: a ocorrência do fenômeno em foco não depende da/do pesquisadora/or. Vários meses se passaram a partir do início do projeto em que nenhuma/um cliente autodeclarado LGBT buscasse o atendimento do núcleo. Portanto, nesse período de 20 meses, cinco atendimentos entraram no corpus de nossa pesquisa,

² O termo é usado por Borba (2016) e Santos (2011) para referir-se a um modelo metapragmático de identidade que se origina da “construção da norma da transexualidade a partir de critérios científicos e clínicos e esquadrinhamentos de corpos e subjetividades” (SANTOS, 2011, p. 127), configurando-se tanto pela construção do próprio diagnóstico psiquiátrico quanto pelo desenvolvimento de uma condução terapêutica.

todos realizados com pessoas autodeclaradas transexuais que buscaram o núcleo por distintas questões: depressão, questões familiares e, por fim, a necessidade de um laudo que atestasse Transtorno da Identidade Sexual³.

Após análise do corpus de pesquisa em sua totalidade, a escolha por tratarmos apenas de um dos atendimentos se deu pela compreensão das/dos pesquisadoras/es de que a riqueza dos dados permite uma potência analítica que não se extingue aqui, podendo gerar, inclusive, análises que vão além do escopo deste Mestrado. Dessa maneira, os dados tratados neste estudo possuem um caráter singular e potencial para a compreensão de como são estabelecidas ações sociais no âmbito do *setting* terapêutico e da materialização de discursos macro e microsociais de disputas entre saberes psi e mecanismos de resistência.

Dito isso, entendemos a Análise da Conversa como método relevante para geração, transcrição e análise dos dados. A AC se constitui como um aparato teórico-metodológico particularmente valioso ao olhar para dados de consultas reais a partir de interações espontâneas, pois traz uma análise fortemente empírica ao estudo da ação social, evitando qualquer teorização prematura sem analisar os dados como fonte analítica primordial (LODER; JUNG, 2008). O uso desse aparato para olhar atendimentos no contexto de psicoterapia procura compreender a interação psicoterapêutica elucidando enunciado-por-enunciado com o objetivo de explicar padrões e práticas interacionais reais através dos quais o atendimento é realizado (PERÄKYLÄ et al., 2008).

A AC tem origem na etnometodologia, contestando os métodos tradicionalmente utilizados pela sociologia para investigar a organização da sociedade. A partir dessa forma de análise de dados, pode-se valer do olhar das/os próprias/os participantes do estudo para entender o que estão fazendo (SILVA; ANDRADE; OSTERMAN, 2009). O foco de nossa análise é, portanto, as interações das/os participantes no *setting* psicoterápico e o modo como tratam suas próprias ações e as ações da/o outra/o por meio do uso da linguagem, referido aqui como fala-em-interação. Partimos, portanto, de uma perspectiva êmica, privilegiando o ponto de vista das/os participantes do estudo.

O caráter êmico das interações pode ser comprovado e analisado a partir do funcionamento da tomada de turnos de fala – unidades como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou mesmo recursos prosódicos. Desse modo, a noção de sequencialidade é constituinte central da ação social. A ideia de sequência refere-se ao fato de que as ações constituídas pelo uso da linguagem em ação social são organizadas em sequências de elocuições produzidas por diferentes participantes. Portanto, cada

³ Embora a OMS (Organização Mundial de Saúde) já tenha divulgado a mudança de nomenclatura do diagnóstico para “incongruência de gênero”, na data do atendimento foco de análise o termo oficial ainda era “transtorno de identidade sexual”.

participante, ao tomar seu turno, não o faz de forma desordenada, mas leva em conta a ação produzida por sua/seu interlocutora/or e produz sequencialmente, em seu próprio turno, uma ação relevante (LODER; JUNG, 2008).

A intersecção proposta aqui, entre Análise da Conversa e investigação do contexto psicoterapêutico, embora escassa no Brasil, já possui vasta tradição no âmbito internacional. O trabalho seminal nesse campo foi realizado por Davis (1986), quando a autora aborda a prática da formulação – enunciados em que a/o falante atual sugere um dos possíveis entendimentos do que foi dito em turnos anteriores pela/o interlocutora/or – em uma entrevista inicial entre um cliente e um psicoterapeuta. Atualmente, é extensiva a produção científica que aborda diversas práticas interacionais nos atendimentos psicoterapêuticos. De acordo com Peräkylä (2013), as três principais práticas interacionais presentes em atendimentos psicoterapêuticos tratadas nos estudos atuais se referem a: (1) formulação, que é talvez a mais amplamente estudada, sendo reconhecida como uma prática polivalente na interação terapêutica (e.g. ANTAKI, 2008; BERCELLI; ROSSANO; VIARO, 2008; HUTCHBY, 2005; MADILL; WIDDICOMBE; BARKHAM, 2001; PERÄKYLÄ, 2004; VEHVILÄINEN, 2003); (2) interpretação, um tipo de prática que adiciona informações novas ou não trabalhadas no aqui-agora-comigo da interação (e.g. BERCELLI; ROSSANO; VIARO, 2008; PERÄKYLÄ, 2004; VEHVILÄINEN, 2003); e (3) questionamentos (e.g. GALE, 1991; PERÄKYLÄ, 1995; MACMARTIN, 2008), demonstrando que esse tipo de prática é mais presente em algumas terapias do que em outras, sendo usada, também, para manutenção da agenda institucional. Ademais, outros aspectos da psicoterapia também são tratados por analistas da conversa, como resistência, afiliação e emoção.

No que se refere ao cenário nacional, a intersecção entre análise da conversa e atendimentos no contexto psicoterapêutico ainda é incipiente. Temos trabalhos de Sell que investigam interações entre uma psicóloga e candidatos/as à vasectomia e à laqueadura (SELL; OSTERMANN, 2009; SELL, 2012), além de interações entre um conselheiro tutelar e crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual (SELL, 2015; SELL; OSTERMANN, 2015). No âmbito de atendimentos em saúde em geral, há vários estudos que investigam contextos de interações médica/o-usuária/o (e.g. OSTERMANN; ANDRADE; SILVA, 2013; OSTERMANN et al. 2017; SOUZA; OSTERMANN, 2016; SOUZA; OSTERMANN, 2017).

Já no que se refere a estudos que analisam o contexto psioterapêutico com pessoas transexuais, embora as discussões em torno da (des)patologização das identidades trans e das disputas tecidas no âmbito das ciências psi tenham trabalhos que são referência no campo (e.g. ARAN; MURTA, 2009; ARAN; MURTA; LIONÇO, 2009; BENTO, 2017; BENTO; PELUCIO, 2012; LIONÇO, 2008; LIONÇO, 2009) são escassos estudos que se propõem a olhar para o prática clínica como cenário onde se materializam discursos macro e microsociais na interação entre profissional de saúde e usuária/o/cliente. Nesse âmbito,

temos o trabalho pioneiro de Borba (2014), cuja tese de doutorado investiga a interação entre profissionais de saúde e usuários no âmbito do Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde. A tese ganhou o Prêmio CAPES de Teses em 2015, dando origem a diversos artigos (BORBA, 2019; BORBA, 2017; BORBA; MILANI, 2017; BORBA, 2016) e um livro (BORBA, 2016).

Diante do cenário exposto, este trabalho se apresenta como um estudo inovador para o campo da Psicologia no Brasil. Buscamos demonstrar, a partir de nossa análise dos dados, a potência da AC para investigação das práticas em saúde no contexto de psicoterapia a partir de um entendimento dessas práticas como ações sociais, explorando o campo interacional da relação terapêutica e a materialização de discursos macro e microsociais nessas interações.

Este estudo deu origem a dois manuscritos que serão apresentados a seguir. O primeiro deles, intitulado ““Deixa eu te ajudar”: análise microetnográfica da (co)produção da transexualidade em um atendimento clínico” enfatiza duas práticas interacionais que emergem de maneira recorrente no atendimento foco da análise: a formulação e a prestação de contas. Enquanto a primeira é reconhecida como prática comumente realizada em *settings* terapêuticos (Peräkylä et al., 2008), a prestação de contas é uma prática que, embora amplamente estudada no âmbito da AC e onipresente nos eventos de fala, não é habitualmente pensada no âmbito da psicoterapia. Os dados demonstram que tais práticas interacionais estão a serviço da realização de uma tarefa institucional: a (co)produção de um laudo psiquiátrico que ateste, a partir de uma matriz nosológica, a transexualidade da cliente. Esse manuscrito foi submetido à revista *Psicologia & Sociedade*.

O segundo manuscrito recebe o título de “Análise microinteracional da manutenção da agenda institucional em um atendimento em contexto psicoterápico” e analisa como as práticas interacionais são utilizadas para a condução de ações sociais no *setting* clínico, sobretudo na manutenção de pautas institucionais e da relação terapeuta-cliente. Atentamos, portanto, para o uso de formulações, correções, *account*, convites e interpretações como práticas que produzem calibração dos status epistêmicos das/os participantes. Mostramos, ainda, que a manutenção da agenda terapêutica, quando confrontada ao trabalho de faces das/os interlocutoras/es, torna-se também ponto de retrabalho interacional. Esse segundo manuscrito será submetido à revista *Cadernos de Saúde Pública*.

2. REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Third Edition (DSM-III). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 1980.
- ANTAKI, C. Formulations in psychotherapy. In: Peräkylä, A. et al. (Orgs). **Conversation Analysis and Psychotherapy**. New York: Cambridge University Press, 2008, cap. 2, p. 26-42.
- ARÁN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 15-40, 2009.
- ARAN, M. R.; MURTA, D.; LIONÇO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1141-1149, 2009.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 3. ed. Salvador: Devires, 2017.
- BENTO, B. Disforia de gênero: geopolítica de uma categoria psiquiátrica. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 496-536, 2016.
- BENTO, B.; PELUCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, p. 559-568, 2012.
- BERCELLI, F.; ROSSANO, F.; VIARO, M. (2008). Clients' responses to therapists' Reinterpretations. In: Peräkylä, A. et al. (Orgs). **Conversation Analysis and Psychotherapy**. New York: Cambridge University Press, 2008, cap. 3, p. 43-62.
- BERENICE, B.; PELUCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, 2012.
- BORBA, R. **(Des)aprendendo a "ser": trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BORBA, R. **O (des)aprendizado de si: transexualidades, interação e cuidado em saúde**. 1. ed. Rio de Janeiro: FioCruz, 2016.
- BORBA, R. Receita para se tornar um 'transexual verdadeiro': discurso, interação e (des)identificação no processo transexualizador. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 55, p. 33-75, 2016.
- BORBA, R. Ex-centric textualities and rehearsed narratives at a gender identity clinic in Brazil: Challenging discursive colonization. **Journal Of Sociolinguistics**, v. 21, p. 320-347, 2017.

- BORBA, R. The interactional making of a -true transsexual-: Language and (dis)identification in trans-specific healthcare. **International Journal Of The Sociology Of Language**, v. 2019, p. 21-55, 2019.
- BORBA, R; MILANI, T. The banality of evil: Crystallised structures of cisnormativity and tactics of resistance in a Brazilian gender clinic. **Journal of Language and Discrimination**, v. 1, p. 1-33, 2017.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. 2009: Ano da Psicoterapia. CRPRS, 2009. Disponível em <http://crprs.org.br/comunicacao/noticias/2009-ano-da-psicoterapia-766>. Acesso em: 5 de jun. de 2019.
- DAVIS, K. The process of problem (re)formulation in psychotherapy. **Sociology of Health & Illness**, v.8, n.1, p. 44 – 74, 1986.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GALE, J. E. **Conversation analysis of therapeutic discourse: the pursuit of a therapeutic agenda**. Norwood, NJ:Ablex, 1991.
- HUTCHBY, I. 'Active listening': Formulations and the elicitation of feelings - talk in child counselling. **Research on Language and Social Interaction**, Oxford, v. 38, n. 3, p. 303-329, 2005.
- LIONÇO, T. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-21, 2008.
- LIONÇO, T.. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 43-63, 2009.
- LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Fala-em-interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- MACMARTIN, C. Resisting optimistic questions in narrative and solution - focused therapies. In: Peräkylä, A. et al. (Orgs). **Conversation Analysis and Psychotherapy**. New York: Cambridge University Press, 2008. cap. 5, p. 80-99.
- MADILL, A.; WIDDICOMBE, S.; Barkham, M. The potential of conversation analysis for psychotherapy research. **Counseling Psychologist**, US, v. 29, n. 3, p. 413-434, 2001.
- OSTERMANN, A. C.; ANDRADE, D. N. P.; SILVA, J. Análise da Conversa Aplicada em interações entre médicos e pacientes. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 17, p. 114-135, 2013.
- OSTERMANN, A. C.; FREZZA, M. ; ROSA, R. ; ZEN, P. R. G. Perspectivas otimistas na comunicação de notícias difíceis sobre a formação fetal. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 8, p. e00037716, 2017.

- PERÄKYLÄ, A. **AIDS counselling**: Institutional interaction and clinical practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- PERÄKYLÄ, A. Making links in psychoanalytic interpretations: A conversation analytical perspective. **Psychotherapy Research**, v. 14, n. 3, p. 289-307, 2004.
- PERÄKYLÄ, A.; ANTAKI, C.; VEHVILÄINEN, S.; LAUDER, I. Analysing psychotherapy in practice. In: Peräkylä, A. et al. (Orgs). **Conversation Analysis and Psychotherapy**. New York: Cambridge University Press, 2008. cap. 1, p. 5-26.
- SANTOS, M. de F. L. A invenção do dispositivo da transexualidade: produções de verdade e experiências trans. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 28, p. 117-130, 2011.
- SELL, M. "Minha mãe ficou amarga": expectativas de performances de maternidade negociadas na fala-em-interação. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 20, p. 153-171, 2012.
- SELL, M. A negociação da moralidade por meio da produção de justificativas na reconstrução da narrativa do abuso sexual de crianças e de adolescentes: um estudo situado. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, p. 873-898, 2015.
- SELL, M.; OSTERMANN, A. C. Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: A (des) construção discursiva do homogêneo masculino. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, p. 11-34, 2009.
- SELL, M.; OSTERMANN, A. C. A construção da significação da experiência do abuso sexual infantil através da narrativa: uma perspectiva interacional. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)**, São Paulo, v. 31, p. 307-332, 2015.
- SILVA, C. R.; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, v. 7, n. 13, ago. 2009.
- SOUZA, J. de; OSTERMANN, A. C. Por que se explicar? A normalidade construída por meio da linguagem no consultório oncológico. **Gragoatá**, Niterói, v. 21, n. 40, p. 399-422, 2016
- SOUZA, J. de; OSTERMANN, A. C. "Tudo bem", "tudo em paz" e "uma tremenda sorte": Avaliações positivas no gerenciamento da incerteza na comunicação entre oncologistas e pacientes com câncer de mama. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2 p. 609-640, 2017.
- VEHVILÄINEN, S. Preparing and delivering interpretations in psychoanalytic interaction. **Text**, v. 23, n. 4, p. 573-606, 2003.

3. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar, sob um ponto de vista microetnográfico, as práticas interacionais que emergem em um atendimento no contexto de psicoterapia em um núcleo clínico especializado em gênero e sexualidade.

4. CONCLUSÃO GERAL

Neste estudo, investigamos as práticas interacionais que emergem em um atendimento no contexto de psicoterapia em um núcleo especializado em gênero e sexualidade. Tratamos neste trabalho de uma interação institucional na qual discursos macro e microssociais se materializam, pois a clínica psicológica se constitui como ponto de socialização e (re)produção de ações sociais e reificações discursivas.

Nesse sentido, apontamos que existe uma lacuna de produções científicas brasileiras que investigam atendimentos em saúde a partir de dados naturalístico. Mais que isso, embora a clínica psicológica seja objeto analítico de um campo extensivo, há escassez de produções que se detenham em explorar o campo interacional da relação terapêutica e as práticas interacionais no *setting* terapêutico como ações sociais.

É neste âmbito que situamos este estudo, como uma análise potente para o desenvolvimento da própria clínica psicoterápica. Ademais, tendo em vista as disputas em torno da (des)patologização das identidades trans e as preocupações de movimentos sociais e do próprio Conselho Federal de Psicologia em estabelecer diretrizes para uma prática clínica humanizada diante de populações estigmatizadas, também situamos este trabalho no âmbito dos estudos de gênero. O caráter singular do atendimento foco de análise, por se tratar de um atendimento com uma mulher transexual que busca a obtenção de um laudo psiquiátrico, nos permitiu investigar o paradoxo diante de disputas que, por um lado, impõem uma psiquiatrização e pretensa universalização das vivências trans e, por outro, combate a transfiguração de uma categoria cultural (gênero) em uma categoria diagnóstica.

Os manuscritos apresentados são fruto de uma análise profunda do turno-a-turno da interação, trazendo uma análise robusta do que está sendo realizado pelas/os interagentes na cena de atendimento. Dessa maneira, caracterizamos as práticas interacionais como ações sociais que materializam discursos hegemônicos a partir de manuais nosológicos que guiam a prática clínica, mas também podem se constituir como movimentos de resistência a esses mesmos manuais e protocolos cristalizados no âmbito da clínica.

Tendo os dados como fonte analítica primordial, realizamos escolhas interpretativas a partir de práticas interacionais que emergiram de maneira recorrente na interação. No primeiro manuscrito, tratamos como foco duas práticas interacionais: a formulação e a prestação de contas. Nossa análise aponta que tais práticas desempenham a função de manutenção de uma agenda, a qual se constitui como a (co)produção de um laudo que ateste “Transtorno da Identidade Sexual”, permitindo que a cliente tenha acesso à retificação de seu registro civil. Fazendo uso de formulações, o terapeuta torna a narrativa

da cliente uma narrativa inteligível dentro de um modelo de transexualidade para a produção do laudo. Nesse sentido, a tarefa subjacente do atendimento, tendo em vista a necessidade de produção do laudo, surge como um limitador para terapeuta e cliente. As/os interagentes, entretanto, lançam mão de recursos interacionais, como a prestação de contas, para marcar suas posições políticas questionando a categorização da transexualidade em um manual diagnóstico.

O segundo manuscrito apresentado neste estudo tem como foco analítico o uso de formulações, correções, *account*, convites e interpretações como práticas que produzem a calibração do status epistêmico das/dos participantes, além da produção e negociação de práticas interacionais para sustentação do *setting* clínico e manejo dos status sociais das/dos interagentes. Demonstramos, portanto, como as práticas interacionais citadas surgem para a implementação de uma agenda voltada à produção de um laudo, contingenciando as/os participantes a representarem papéis sociais hierárquicos dentro da interação. Apontamos, ainda, reflexões acerca do trabalho de face realizado interacionalmente pelas/os interagentes, possibilitando a subversão da pauta institucional quando isso se torna localmente relevante. Dessa maneira, a manutenção da agenda institucional, quando confrontada ao trabalho de face das/dos interlocutores, torna-se ponto de retrabalho interacional.

A partir da análise realizada aqui, buscamos apresentar uma caracterização acurada das práticas sociais estabelecidas na cena de atendimento investigada. Dessa maneira, podemos ver de maneira empírica os efeitos microsociais de discursos hegemônicos que se materializam interacionalmente, como o próprio discurso biomédico de categorização e psiquiatrização das experiências trans. Dessa maneira, fomentamos discussões acerca do uso de manuais nosológicos na prática clínica com pessoas transexuais e da própria cristalização do *setting* clínico como cenário de retroalimentação de suposta hierarquia terapeuta-cliente.

Dito isso, apontamos que as análises realizadas situam-se em um campo ainda pouco difundido no cenário de pesquisa brasileira, realizando uma intersecção entre psicoterapia e a linha teórico-metodológica da análise da conversa (AC). A AC se constitui como um potente arcabouço teórico-metodológico para entender a interação das/os atoras/tores na clínica e a produção de práticas sociais para sustentação do *setting*, manutenção da agenda, hierarquia terapeuta-cliente e movimentos de resistência.

Apontamos, portanto, um caminho a ser traçado no âmbito de pesquisas que realizam interlocução entre a AC e psicoterapia no Brasil, de maneira que possamos lançar um outro olhar para a clínica psicoterapêutica. Apontamos, também, o trabalho em aberto das ciências psi (psicologia, psiquiatria e psicanálise) de olhar para a prática clínica como cenário interacional no qual normativas e protocolos são transpostos para a prática,

podendo, assim, vislumbrar a efetividade de ações macrossociais que buscam construir uma clínica mais humanizada e inclusiva.

ANEXOS

ANEXO 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada/o a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Programa de Pós Graduação em Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) intitulada: O Atendimento Clínico Psicológico com a População da Diversidade Sexual e de Gênero. O objetivo da pesquisa é compreender como se estabelece a interação entre terapeutas e pessoas que procuram o atendimento clínico psicológico em relação à temática da diversidade sexual e de gênero.

O tema escolhido se justifica pela importância de entender o atendimento psicológico como um espaço que deve ter como princípio a promoção de saúde mental no que diz respeito à população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). O trabalho será realizado pela mestrandia em Psicologia e Saúde Marcela Alberti sob a supervisão e orientação da Profa. Dra. Lucia Marques Stenzel e co-orientação do Prof. Dr. Alexandre do Nascimento Almeida.

Para alcançar os objetivos do estudo, solicitamos acesso ao primeiro atendimento psicológico gravado em áudio e vídeo com a câmera utilizada pelo Núcleo de Atendimento e Promoção de Saúde em Sexualidade e Gênero (NAPSE) para a geração de material de ensino. Os riscos para a participação nesta pesquisa são mínimos, relacionados à possibilidade de identificação no momento da divulgação dos resultados. Para minimizar esses riscos, todas as informações sobre você serão mantidas confidenciais através do uso de pseudônimos, bem como através do uso de softwares de computador para manipulação de imagens. Com o uso de software específico, não será possível a visualização do rosto das/os participantes em função do recurso de esfumamento de imagem para garantir o seu anonimato. Além disso, os dados não serão disponibilizados para qualquer propósito que não se encaixe nos termos da pesquisa, garantindo o sigilo em todas as etapas do estudo.

Sua participação na pesquisa poderá contribuir para o avanço do conhecimento em relação ao atendimento psicológico de pessoas LGBT. Não haverá despesas extras para a participação neste estudo, nem ganho material direto. Caso você sinta algum desconforto em relação à participação, você pode retirar seu consentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem que isso prejudique o atendimento recebido ou prestado.

Os dados gerados (gravação dos atendimentos) serão armazenados pela equipe de pesquisa durante o período mínimo de cinco anos, conforme previsto na legislação vigente. Tais dados serão somente usados em estudos que atendam a todos os termos previstos neste documento e que estejam relacionados ao objetivo da pesquisa.

É importante que você também saiba que:

- tem garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a este estudo em qualquer fase da pesquisa;
- sua participação é voluntária e que tem a liberdade de retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso traga prejuízo para sua vida pessoal, atuação profissional ou para o atendimento;

Eliane Dallegros
CEP/UFCSPA
TCLE
APROVADO
14/12/17

- tem garantia que não será identificada/o quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas para fins científicos;

- tem garantia de indenização por danos comprovadamente decorrentes da pesquisa.

Este documento foi redigido com base no que prevê a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) Nº 510/2016.

Caso você tenha alguma dúvida ou novas perguntas sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido, poderá entrar em contato com a pesquisadora mestranda em Psicologia e Saúde Marcela Alberti pelo telefone (51) 98919-3256 ou pelo e-mail: marcelaalberti343@gmail.com, ou com a pesquisadora principal Profa. Dra. Lúcia Marques Stenzel pelo telefone (51) 3303-8826 ou pelo e-mail lstenzel@ufcspa.edu.br.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFCSPA), pelo endereço Rua Sarmento Leite, 245 – Centro – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, ou pelo telefone 3303-8804. O Comitê de Ética é um órgão independente que se pronuncia em relação aos aspectos científicos e éticos de um projeto de pesquisa.

Eu, _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e autorizo minha participação, de acordo com os termos aqui dispostos.

Declaro que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando a outra via com as/os pesquisadoras/es.

Porto Alegre, ____ de _____ de 20__.

Assinatura da/o Participante


Assinatura da Pesquisadora

Nome:

Marcela Alberti

Eliane Dellegras
 CEP/UFCSPA
 TCLE
 APROVADO
 14/12/17

Anexo 4. Termo De Autorização Para Disponibilidade De Trabalhos De Pós-Graduação No Repositório Institucional Da Ufcsa



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFCSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIDADE DE TRABALHOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFCSA

Regulação: Norma das diretrizes do Repositório	Cód.classificação. 134.334
--	----------------------------

A divulgação do documento digital é uma exigência da CAPES, normatizada pela Portaria nº 013, de 15/02/2006.

Tipo do documento () Tese (X) Dissertação () Artigo Científico () Objeto Educacional

Autoria
 Nome Completo : Marcela Alberti
 RG : 1106146051 CPF: 0207225650-45
 E-mail : marcelaalberti343@gmail.com Telefone : (51) 989193256

Dados documento
 Título do Documento : Transexualidade e práticas interacionais em saúde: uma análise microetnográfica de um atendimento em contexto de psicoterapia
 Nome da Orientadora : Lucia Marques Stenzel
 Nome do Co-orientador : Alexandre do Nascimento Almeida
 Programa de Pós-Graduação : Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde
 Data da Defesa : 12/07

Autorizo a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSA, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, no seu Repositório Institucional e sites aos quais esteja vinculada a Biblioteca da Instituição para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica gerada em seu âmbito, a partir desta data.

Texto Completo () Texto Parcial (X)*

** Neste caso, deverá ser entregue um arquivo com a parte a ser publicada (versão parcial) e outro com o texto completo para ser arquivado na Biblioteca. A publicação do texto completo será disponibilizada no Repositório Institucional somente após o envio para a Biblioteca do termo com autorização para publicação na íntegra.*

***Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:**
 (X) Resumo e Abstract (X) Introdução e Revisão Bibliográfica () Material e métodos
 Capítulos. Especifique: _____
 () Resultados e discussão (X) Conclusões () Bibliografia
 () Outros segmentos do trabalho: _____

***Justificativa para exclusão:**
 (X) Artigo(s) com dados inéditos não publicados
 () Produto(s) sujeito a patente. Nesse caso, informe o número do processo do protocolo geral encaminhado ao Núcleo de Inovação Tecnológica e Empreendedorismo (NITE) da UFCSA.
 () Outro. Especifique: _____

*Prazo de restrição, a partir dessa data será de 24 meses.
 Um prazo de restrição acima de 24 meses precisará ser justificado.*

Justificativa: _____

Assinatura do Orientador: Lucia Marques Stenzel

Assinatura do(a) autor(a) ou seu representante legal: Marcela Alberti

Local e Data: Porto Alegre, 13 de junho de 2019

OBS.: Preencher este Termo em duas vias e entregar na Secretaria do Programa de Pós-Graduação para registro do Certificado de Conclusão do Curso e inclusão no Repositório